

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Realização: Luís Galvão Telles (Portugal - 1976/77)

Argumento: Amadeu Lopes Sabino e L. Galvão Telles, sobre texto original de A.L. Sabino (publicado em «Após Aljubarrota - Narrativas históricas» - ed. Centelha)

Fotografia (16 mm, eastman-color): Elso Roque e Pedro Efe

Música: José Mário Branco, Sérgio Godinho e Fausto (disco Sassetti)

Som: João Diogo e Filipe Manuel

Montagem: Clara Diaz - Bérrio

Interpretação: Margarida Car-

pinteiro (Maria), Carlos Cabral

(António), Artur Semedo (gene-

ral), Luis Santos (juiz), Jorge

Vale (cardeal), Ana Zanatti, An-

tónio Revez, Arnaldo Saraiva e

Jorge Dias (locutores), Santos

Manuel (repcionista), etc.

Produção: Cinequanon, com a

participação financeira do IPC

Distribuição em Portugal: Fil-

mes Lusomundo

Cinemas: Apolo 70 (Lisboa) e

Foco (Porto)

Classificação: Não aconselhá-

vel a menores de 13 anos

Duração: 107 minutos.

A Confederação, o que é? Um filme, claro, uma ficção, portanto; mas a pergunta não era bem essa. De que fala, o que diz, que quer transmitir? Para responder talvez uma outra questão: **A Confederação** como é?

A primeira constatação (que não contestação) possível é que este filme não tem uma história para contar. Não (provavelmente) que o não queira: Galvão Telles e Lopes Sabino perseguem uma (a do casal que se «abriga» no Hotel da Graça) a partir da qual tentam, ficcionalmente, integrar os outros discursos (sobretudo uma memória biface: a de um longínquo passado fascista, a de um mais recente passado de luta). Mas essa história é esguia e desliza, desaparece, é impossível de segurar, de sustentar, enquanto matriz. Ficam, então, fragmentos de muitas histórias não contadas que se agrupam, que se assaltam mutuamente, um turbilhão de referências, de coisas só sussurradas ou, então, gritadas em alarido. Perguntar-se-á: e tudo isso faz sentido?

Uma das coisas mais interessantes deste filme é que o sentido que tudo isso faz (ou não) é função de uma variável, aleatória para os autores do filme: o espectador. Com efeito essa série dispar de discursos só pode ser «arrumada», ordenada (montada, se quisermos) por cada um de nós, na medida em que nos pertence a hipótese de investir emotiva e racionalmente cada um dos seus componentes e a partir daí construir não um fio condutor mas um conjunto de referentes a partir dos quais integremos os do filme.

Se este é um filme polémico tal deve-se sobretudo a que não há, nele, um discurso unívoco, antes se exige que uma componente subjectiva e pessoal (de cada espectador) nele actue. Talvez por isso as discussões sobre ele sejam (em termos de confrontação de juízos de valor) estéreis.

"A Confederação" de Luís Galvão Teles

Porque, mais do que um filme, estão em causa universos pessoais.

Mas não serão estas minhas considerações uma forma de fugir (tornear) à análise sobre imagens e sons concretos que Luís Galvão Telles organizou materialmente de um certo modo? Porque a verdade é que há, neste filme, um razoável número de coisas que têm um certo grau de precisão: fala-se num estado imaginário (futuro?) denominado Confederação, controlado num pluralismo monolítico pelos USA e pela URSS, fala-se do 25 de Novembro e de juramentos de bandeira, fala-se da Rádio Renascença e das manifestações de rua. Quase tudo coisas concretas do nosso recente passado menos a conjuntura do presente do filme.

Uma questão possível: **A Confederação** é um augúrio, uma realidade ou um aviso? Este 1981 orwelliano e à dimensão portuguesa o que se pretende?

Uma crítica (fácil e, em certa medida, pertinente) que tenho ouvido ao filme é que se trata de uma ficção cuja estruturação em termos futuristas carece de solidez (não é, internamente, coerente) e de legitimidade (no sentido em que não é previsível a Confederação). E é aqui, ao descermos até às concretizações deste filme que os discursos emitidos pelos espectadores, parecendo situarem-se no terreno de um real legível, sem ambiguidades, no écran, estão, afinal, tão longe dele como o cinema da vida. Discutir este filme enquanto acto situado em Portugal - hoje, não é irmos à procura de cauções que o real a ele empresta (ou não). É, antes, verificarmos que **A Confederação** é, sobretudo, a convocação de toda uma série de fantasmas portugueses (que coexistem no nosso presente), alguns mais pessoais que outros mas todos vivendo numa desorganização real. Por isso se dizia atrás que as leituras deste filme são todas fortemente subjectivas.

Para mim ele é, antes do mais, um filme que fala (amargamente e, porque será?, no pretérito) de uma carência, de uma Revolução que não houve e que entrevimos. Mas é também uma película cuja solidariedade à Revolução, agora adiada **sinde die**, tem as virtudes e os defeitos desse movimento que em Portugal se esboçou em 1975. Um certo voluntarismo, algum cartilismo, um pouco de ingenuidade, bastante confusão. O curioso é que, sobre isso, Galvão Telles insere discursos e obsessões que só estiveram presentes de um modo inconsciente na Revolução. São os fantasmas sexuais (o sonho de Maria onde a culpa, a vergonha e o medo são coordenadas transparentes), o militarismo (de que a conjuntura pós-25 de Novembro não é justificação bastante e que, assim, ancoram mais longe), o clericalismo, a infância, enfim, com os traumas portugueses que todos guardamos. O curioso é que, de súbito, os documentos e a ficção presentes, em paralelo, no filme se homogeneizem e **tudo** nos pareça igualmente fantástico, irreal (as imagens do rebentamento da Rádio Renascença sob

as ordens do Conselho da Revolução, por exemplo, relevam quase da pura ficção - e, no entanto, foram reais). Como um peixe-podre.

Julgo que **A Confederação**, nos seus limites como nas suas conquistas, é o filme trágico da Revolução que abortou. E, no entanto, ele respira. Não se trata, deste modo, de um simples testemunho. Este filme vai mais longe: expõe-se, francamente, aos riscos violadores do nosso olhar, perturba-nos, excita em nós o muito medo, a muita raiva, a muita esperança, acasala conosco, possui-nos com uma febre e uma certeza vigorosa («eu vi este povo a lutar» - proclama). Não sei o que espera o Luís Galvão Telles deste filme. Sei que nele encontrei muito do que fizemos do que recaímos, do que somos.



A Confederação: a convocação de muitos dos nossos traumas portugueses de hoje